

O PAPEL DO COORDENADOR LÍNGÜÍSTICO NOS CURSOS DE LÍNGUA ITALIANA NO BRASIL

Cecília Santanchè (Università G. D'Annunzio, Pescara)

ABSTRACT: This paper aims at reflecting about the importance of the Linguistics Coordinator: a role that is related to the function of Director and of Pedagogical Coordinator as well; in developing this discussion, we draw upon the proposal of the *Common European Board of Reference for Language Teaching*.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo o aprofundamento de alguns aspectos da função de coordenador lingüístico (a partir de agora CL). Este é o resumo de uma monografia de conclusão de um curso de pós-graduação em Veneza, voltado a promover a língua italiana, portanto, é contextualizado apenas no âmbito de ensino desta, o que não exclui que possa ser útil à promoção de outras línguas, sobretudo as menos estudadas.

O papel do CL nem sempre é claro, a partir da experiência da autora e da leitura de textos a respeito da organização de cursos de língua e promoção da mesma, foram evidenciadas as seguintes dificuldades:

- (1) ELABORAR projetos de cursos que correspondam às diversas exigências;
- (2) PROPOR um currículo lingüístico correspondente ao projeto elaborado;
- (3) ESCOLHER, ORGANIZAR o material didático e TORNÁ-LO útil;
- (4) ELABORAR novo material de acordo com a programação,
- (5) SELECIONAR os professores, motivá-los a se atualizarem e a publicarem o próprio trabalho;
- (6) ACOMPANHAR o percurso dos estudantes e ESCUTÁ-LOS quando têm problemas;
- (7) IMPLEMENTAR cursos de formação, quando necessário.

O CL deveria encarregar-se da resolução de tais problemas. Todavia, nem sempre seu papel é definido nas estruturas educativas: às vezes é atribuído a professores que o acrescentam a outras atribuições didáticas e não dedicam o tempo necessário às atividades relativas a esta função; outras vezes o coordenador pode encontrar dificuldades em intervir no trabalho que os professores desenvolvem há muito tempo e teme entrar em conflito quando avalia o trabalho deles. A partir dessas premissas, objetiva-se definir a importância e o papel do CL.

Nesse âmbito, são relevantes os aspectos glotodidáticos e formativos, antes de serem destacadas as iniciativas para a promoção e a organização de eventos, embora sejam elas também de grande importância.

As convicções

Quando o CL faz uma proposta de curso, ele seleciona os professores, conversa com estudantes ou pessoas interessadas no curso e analisa as suas convicções.

Sobre as convicções referentes à aprendizagem lingüística, Torresan (2007, p. 2-3) faz as seguintes considerações: “As convicções referentes à aprendizagem lingüística são constructos mentais, idéias pré-constituídas sobre o que é uma língua, o que é uma cultura, como se aprende uma língua, qual é o papel do professor e do aluno.” (Trad. da autora)

Quais são, portanto, as convicções freqüentes entre muitos estudantes que se inscrevem em um curso de língua? A seguir se apresentam algumas, mesmo sem a pretensão de esgotá-las:

- é importante aprender o inglês e o espanhol, as outras línguas não são necessárias;
- o professor deve ser nativo;
- aprende-se uma língua estrangeira somente a partir da gramática, com a repetição dos exercícios;
- música e filmes servem só para relaxar;

Tais convicções assumem importância:

- na elaboração dos projetos em que a língua italiana, dentre outras, facilita a comunicação no intercâmbio cultural, socioeconômico, comercial; considerem-se as

atividades das empresas italianas estabelecidas no Brasil, as exportações, as ONGs etc.;

- na seleção dos professores, considerem-se as vantagens dos professores não-nativos, que, por terem a mesma língua materna, podem compreender melhor as dificuldades dos alunos;

- na elaboração do programa de curso, ao considerar as diversas atividades, e, quando necessário, explicar a motivação das mesmas aos alunos.

O Quadro Comum Europeu de referência para línguas

O *Quadro Comum Europeu de Referência para o ensino de línguas* (a partir de agora o *Quadro*) é uma proposta do Conselho Europeu para o ensino de línguas na Europa, a fim de facilitar intercâmbios entre os países e o diálogo pluricultural.

Embora o Brasil não faça parte deste Conselho, faz-se referência ao *Quadro*, já que o mesmo pode ser adaptado a qualquer país, além da possibilidade futura de ele abranger outros países, como ocorreu com o projeto *Erasmus*, antes somente europeu, atualmente válido também para a América Latina com o *Erasmus Mundus*.

No *Quadro*, o estudante de línguas é visto como *ator social*: cidadão de uma comunidade democrática, que interage com outros e usa diversas estratégias para se comunicar.

Nesta proposta motiva-se a aprendizagem *plurilingüística*: diversos processos de aprendizagem lingüística que levam o indivíduo a modificar o próprio modo de aprender, já que os conhecimentos, as estratégias comunicativas adquiridas em uma língua interagem com as de outras línguas em aprendizagem ou que já foram adquiridas.

Biografia lingüística

No *Quadro*, entende-se como *biografia lingüística* qualquer experiência do aluno que tenha contribuído para a aprendizagem lingüística: em país com outra língua materna, a estada em países estrangeiros, o estudo de outras línguas, o estudo formal da própria língua materna. É fundamental conhecer a *biografia lingüística* de um aluno

para identificar os fatores que interferem na aquisição de uma nova língua. O conhecimento de outras línguas pode para isso contribuir (*transfer positivo*) ou dificultar (*transfer negativo*), principalmente quando a língua em aquisição é semelhante às que ele conhece, e o falante, assim, tende a sofrer interferência destas no uso de uma nova língua, comunicando-se em uma língua intermediária: portunhol, ítalo-brasileiro etc..

Outro aspecto importante da *biografia* é saber se houve um estudo formal da língua materna e se há motivação para refletir sobre a própria língua. No Brasil, a diferença entre a norma culta e a língua falada é grande e muitos alunos - principalmente quando não estudaram bem o português na escola -, apresentam dificuldades quando o ensino da língua estrangeira toma como base a norma culta da língua portuguesa. Um exemplo disso é a dificuldade de entender os pronomes combinados, os quais não são mais usados no português falado no Brasil.

O perfil do coordenador

Coordenador lingüístico, coordenador pedagógico ou diretor de escola?

A escolha do nome adequado para esta função não è fácil, principalmente porque é designada diversamente nos vários textos ou nos relatórios preenchidos pelas escolas ou por cursos particulares para o *Ministero degli Affari Esteri*. Nos cursos particulares é comum o uso do termo *coordenador pedagógico*, enquanto Ventriglia (1993), por exemplo, usa o termo *dirigente scolastico* (diretor de escola). No presente caso, dá-se preferência ao termo *coordenador lingüístico* (CL) porque resume os dois papéis de diretor de escola e de coordenador pedagógico.

O planejamento dos cursos

São diversas as motivações que levam os brasileiros a procurar os cursos de língua italiana: origem italiana, curiosidade, vontade de conhecer a Itália, interesse pela cultura, influência de novelas. Naturalmente, a instituição à qual o projeto é direcionado pode colocá-las em discussão: por isso, na primeira parte do mesmo seria oportuno esclarecer os objetivos do curso, os destinatários e as vantagens do estudo da língua

italiana. Além disso, em uma faculdade onde o estudante aprende mais de uma língua, seria útil criar-se a possibilidade de trabalhar juntamente com outras línguas, para uma aprendizagem *plurilingüística*. ainda pouco freqüente, mas que pode-se revelar muito proveitosa. Nos casos em que os projetos são feitos para universidades, a língua italiana pode ser direcionada para objetivos profissionais específicos: agentes de turismo (Faculdade de Turismo), direito, tradutores e intérpretes...

Seria interessante também oferecer cursos específicos para a leitura de textos em italiano - em alguns casos se usa o termo instrumental para este tipo de curso -, a fim de proporcionar maior interesse por autores italianos, tais como Umberto Eco, e Tullio De Mauro para a área lingüística; Norberto Bobbio para jurisprudência; Gianni Vattimo para filosofia, entre outros. São de fato escritores conhecidos no Brasil e nota-se o interesse pela leitura dos mesmos em língua italiana.

Acontece também que um aluno se matricule em um curso apenas para poder ler textos em italiano e quando se deve dedicar à produção escrita, havendo maior ênfase na gramática, sintaxe desmotivado e abandone o curso - o que justifica a importância de oferecer cursos destinados a diversos objetivos. A este ponto é válido considerar o papel da comunicação oral, a língua falada, em relação às quatro habilidades básicas – para aqueles que só pensam em comunicar-se na língua estrangeira, mesmo por necessidade imediata.

De tal forma, um outro aspecto a ser considerado é a carga horária: os cursos podem propor a grade tradicional ou ser mais breves para quem vai viajar: intensivo para quem tem mais tempo e se identifica melhor com este método, e dentro das possibilidades estruturais e de competência no setor informática, cursos *online* para quem prefere organizar o estudo de acordo com a própria disponibilidade. Ultimamente este tipo de curso tem sido muito procurado.

A programação didática

É muito comum que a programação de um curso seja feita de acordo com o conteúdo gramatical: I ano- verbos no indicativo, II ano- verbos no subjuntivo..., ou de acordo com as unidades do manual adotado: I ano- unidade 1 a 6, II- 7 a 12.

Estes métodos correm o risco de serem desmotivantes e não corresponderem ao objetivo do curso. A programação deve adequar-se ao projeto, e para este fim o ideal seria que o CL a elaborasse com os professores e acompanhasse o seu desenvolvimento, a fim de atualizá-la e modificá-la quando necessário.

Quando o CL apresenta novas atividades deve explicá-las com clareza aos professores, experimentá-las mais de uma vez antes de julgá-las eficazes ou menos. Cada professor é autônomo e pode desenvolver as suas atividades como achar melhor. A programação deve servir como fio condutor principalmente quando se deve dar continuidade ao trabalho já começado por outro professor. Há também os casos de ausência ou substituição, nos quais o CL deve saber como orientar os substitutos.

Não se deve nem mesmo pretender que os professores fiquem sempre com a mesma classe; o ideal seria que um grupo tivesse mais de um professor para experimentar outros registros, acentos, modos de falar a mesma língua, estilos de ensino. Para isso é importante que haja uma lógica, uma continuidade didática supervisionada pelo CL e se trataria de elaborar objetivos para cada estudante e seguir um percurso de modo que a meta formativa seja alcançada. Baseando-se na proposta do *portfolio da aprendizagem lingüística* (MEZZADRI, 2004) - antes de começar o curso, o estudante faz um teste de acesso, seguido por uma conversa com o CL no qual conta a sua *biografia lingüística* - estabelecer metas. Os professores podem participar deste tipo de iniciativa. De tal forma os cursos tornam-se praticamente personalizados, passando o foco para o aluno.

Há alguns cursos que expressam apenas o método usado para o ensino de língua estrangeira. Estes métodos podem excluir aspectos importantes da língua italiana como características culturais, já que a língua italiana é vinculada à Itália e não língua franca como o inglês. A simples repetição de estruturas, ou a tradução do método usado para a língua inglesa pode estar fora do contexto prático.

O conhecimento dos alunos

Para um bom desenvolvimento do curso seria importante avaliar o conhecimento que cada aluno tem da própria língua materna, o seu interesse pela reflexão lingüística e o seu estilo de aprendizagem.

Além do mais, a dificuldade do aluno pode ser causada pelo reduzido conhecimento do processo formativo pessoal, principalmente quando não teve um estudo formal de uma língua estrangeira, ou até mesmo não refletiu sobre a sua língua materna na escola. Neste caso, é importante ajudar o estudante a participar, escutando-o e conscientizando-o do percurso a seguir; por exemplo, ajudá-lo a se questionar sobre o próprio estilo de aprendizagem, sobre as atividades - quais as que ele acha mais profícuas - e explicar o motivo de cada uma. Desta forma o aluno desenvolve a sua competência glotomática - aprender a aprender-, que lhe será útil para se tornar autônomo na aprendizagem da língua, usando também estas estratégias para a aprendizagem de outras línguas estrangeiras, e até mesmo para refletir sobre a sua língua materna.

Mezzadri (2004, p.66-68) releva a importância - que consta no *Quadro* - de considerar os quatro “saberes” de cada indivíduo, que se poderiam resumir da seguinte maneira:

Saber: “que se baseia de forma preponderante no conhecimento do mundo adquirido pelo indivíduo através da própria língua materna”.

Saber fazer: “ou sejam, as habilidades práticas que permitem desenvolver o papel de ator social ao qual o aprendiz é chamado em função de uma comunicação eficaz”.

Saber ser : “isto é, a competência ‘existencial’, [...] os aspectos ligados à personalidade, aos estilos cognitivos e ao mundo interior do indivíduo, às suas convicções e aos seus valores morais...”

Saber apreender: é a capacidade de aprender. Ao saber apreender, nas suas diversas expressões,”

Todos esses componentes, todos os saberes e as competências do indivíduo fazem parte do modelo de competência comunicativa proposta pelo *Quadro*.

Este modo de ensinar considera o estudante como participante autônomo e interessado pelo seu percurso formativo - característica que nem sempre é frequente e o ensino de uma língua estrangeira pode ser útil a suscitar.

A escolha e elaboração do material didático

A escolha do material didático a ser utilizado nos cursos é muito importante, sobretudo quando o projeto oferece cursos diferentes.

Há cursos que vendem aos estudantes o material, que consiste basicamente na fotocópia de manuais publicados na Itália. Além da apresentação pouco agradável, não é legal nem eticamente aceitável em relação a quem escreve e publica os livros. Se os estudantes tiverem dificuldade de adquirir livros originais, o ideal seria usar material e exercícios criados pelos professores ou pelo CL.

Em todo caso, o coordenador deveria conhecer uma ampla gama de atividades para apresentá-las aos docentes com menos prática de ensino, que tendem às vezes a limitar-se ao manual adotado.

Os professores de língua em cursos particulares são geralmente pagos por hora, deste modo, para ter um salário satisfatório podem chegar a dar 7, 8 horas de aula por dia. Assim, não há tempo para a preparação do material ou da aula - muito menos para uma reflexão atualizada - e se acomodam ao mesmo estilo didático. É quando o experimento de novas técnicas pode ser complicado, pois não há certeza de que terá sucesso logo na primeira vez. Neste âmbito, elaborar, criar e avaliar o material e as técnicas complementares torna-se tarefa do CL ou eventuais assistentes, os quais podem ser estudantes universitários, estagiários ou professores em formação.

Avaliação dos professores e do processo formativo

É importante saber até que ponto o CL pode intervir, mas deve-se considerar também que, sobretudo nos cursos particulares, ele deve atender às exigências dos estudantes, como, por exemplo, no caso de uma insatisfação difundida entre os alunos em relação ao método de ensino de um professor.

Por outro lado, importa que a independência e a autonomia do docente sejam claras, a sua liberdade de escolher o que fazer em classe. Por isso, é necessário oferecer-lhe a oportunidade de demonstrar o seu trabalho, sempre como forma de valorização e não de controle, assim como é positivo que o coordenador seja flexível e aberto às

soluções originais e eficazes que provêm dos professores. A avaliação deveria ser vista como fator de um crescimento, e não como limitação e perda de tempo.

Conclusões

Durante a pesquisa, assim como na minha experiência pessoal, a figura do CL revelou toda a sua fundamental importância. Naturalmente este trabalho não esgotou os argumentos e, além do mais, necessita de uma verificação na prática.

Demonstrou-se como um conhecimento glotodidático seja importante para desenvolver essa função, assim como o comportamento cooperativo e uma perspectiva pluricultural possam ser enriquecedores para uma política de ensino de línguas, além de constituir uma proposta válida de atualização do ensino contemporâneo.

O CL, portanto, tem condições de divulgar a importância do seu trabalho, visto que promove o ensino da língua italiana ao desenvolver atentamente as próprias atividades, tornando-se o principal afirmador da sua função.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALBONI, Paolo. *Didattica dell'italiano a stranieri*, Roma: Bonacci editore, 1994.
- CALLOU, Dinah; BARBOSA, Afranio; LOPES, Célia. O português do Brasil: polarização sociolingüística. In: MARCELINO CARDOSO, Suzana Alice; ANDRADE MOTTA, Jacyra; MATOS e SILVA, Rosa Virgínia (org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Funcultura-Governo da Bahia, 2006, p. 257-292.
- ECO, Umberto. *Come si fa una tesi di laurea*, Milano: Bompiani, 1985.
- MEZZADRI, Marco, *Il Quadro comune europeo a disposizione della classe: Un percorso verso l'eccellenza*, Perugia: Guerra edizioni, 2004.
- PAVAN, Elisabetta. Aspetti interculturali nell'insegnamento/apprendimento dell'italiano LS nelle università straniere. In PAVAN, Elisabetta. *Il "lettore" di italiano all'estero. Formazione linguistica e glottodidattica*. Roma: Bonacci editore, 2005, p. 86-111.
- POLITO, Mario. *Comunicazione positiva e apprendimento cooperativo. Strategie per intrecciare benessere in classe e successo formativo*. Gardolo (Trento): Erikson., 2005.
- PORCELLI, Gianfranco. *Educazione linguistica e valutazione*. Torino: UTET, 1998.
- PORCELLI, Gianfranco; DOLCI, Roberto. *Multimedialità e insegnamenti linguistici. Modelli informatici per la scuola*. Torino: UTET, 1999.
- Università per Stranieri di Siena. *Curricolo di italiano per stranieri*. Roma: Bonacci editore, 1995.
- VENTRIGLIA, Lina. *Management delle istituzioni scolastiche e dei corsi di lingua e cultura. Appunti per un itinerario formativo*, s.l. Università per Stranieri di Siena, 1993.

Sitografia

BANZATO, M. *Introduzione al cooperative learning*. Disponível em: www.itals.it

>

CAON, Fabio; RUTKA, Sonia. *La glottodidattica ludica*. Disponível em: http://venus.unive.it/film/materiali/accessogatuito/Film_glotto_ludica_teorica.pdf

MAZZA, M. *Il dirigente di italiano all'estero*. Disponível em: www.itals.it

TORRESAN, Paolo. *Imparare a imparare: metacognizione e strategie di apprendimento*. Disponível em: www.itals.it